



A produção social do Telejornalismo Um olhar sobre os estudos acerca da oferta de conhecimento nos noticiários de TV¹

Iluska COUTINHO²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

Apresenta-se no artigo as principais tendências observadas nas investigações sobre telejornalismo no Brasil, a partir dos trabalhos apresentados nos últimos dez anos nos congressos da Intercom. Em um recorte local são descritas as pesquisas desenvolvidas no âmbito programa em pós-graduação da Universidade Federal de Fora que tem os noticiários de TV como objeto preferencial. O artigo insere-se em uma investigação mais ampla sobre a existência de uma epistemologia do telejornalismo brasileiro, ou seja, acerca do conjunto de regras, rotinas e procedimentos institucionalizados que estruturam os noticiários de TV além da busca por caracterizar o conhecimento da realidade ofertado via tela de televisão.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; pesquisa; conhecimento; epistemologia; análise.

Em uma sociedade na qual os telejornais se constituem na forma primordial de acesso ao conhecimento da realidade, ganha relevância a proposta de investigação de uma epistemologia do telejornalismo (Ekstron, 2002), ou seja, do conjunto de regras, rotinas e procedimentos institucionalizados que estruturam uma forma particular de produção de conhecimento. Em nosso caso trata-se de compreender a natureza do conhecimento social da realidade que é multiplicado via tela de televisão, estalecendo como recorte no âmbito desse artigo os olhares acadêmicos sobre o telejornalismo.

Para compreender a epistemologia do telejornalismo também é importante abordar os recursos e estratégias utilizados por jornalistas, e mesmo pelo público que os telejornais ajudam a construir, para legitimar esse conhecimento, (tele)jornalisticamente produzido.

Mats Ekstron (2002) propõe-se um roteiro de estudos de uma investigação que permitiria estabelecer as bases que estruturam a epistemologia do telejornalismo brasileiro. Vale salientar que em nosso país os telejornais gozam de uma centralidade no

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Jornalismo e PPGCOM/UFJF. Mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e doutora em Comunicação Social (Umesp). Coordenadora do GP Telejornalismo e membro do Conselho Consultivo da Intercom, email: iluskac@globo.com



processo de produção de (re)conhecimento social que não encontra paralelo com as experiências que deram suporte empírico a abordagens teóricas americanas e/ou européias. De acordo com o autor para caracterizar a epistemologia do telejornalismo é necessário investigar três aspectos distintos: 1) a caracterização do tipo de conhecimento produzido, oferecido via telejornais; 2) o desvendamento das noções ou estratégias que fundamentam essas práticas de produção de conhecimento, telejornalístico e 3) o processo de aceitação e reconhecimento do público.

Nos limites desse artigo propõe-se inicialmente caracterizar o conhecimento ofertado via edições dos telejornais a partir de uma revisão bibliográfica e do levantamento da produção científica relacionada ao jornalismo em televisão. Para tanto recorreu-se ao levantamento dos trabalhos apresentados nos últimos dez anos nos congressos da Intercom sobre telejornalismo e outros gêneros de informação em TV.

Em um segundo momento descreve-se as investigações acerca da oferta de conhecimento, e representações simbólicas e identitárias, nos telejornais, realizadas no âmbito do programa de pós-graduação em Comunicação da UFJF.

Informação em cena: em busca de uma caracterização do conhecimento nos telejornais

Ao tratar de forma mais específica do telejornalismo, ou telenoticiário, para garantir a precisão da terminologia empregada pelo autor, José Arbex se refere a relações que ganham complexidade com a criação dos conglomerados de comunicação, em finais da década de 80. Dessa forma, a lógica do jornalismo em televisão seria determinada pelo relacionamento de cada emissora com o sistema político, econômico e financeiro em que se insere, convertendo o telejornalismo em peça política.

No caso brasileiro, ressalta o autor, sua importância no jogo político seria ainda maior na medida em que “A fonte principal de informação, no Brasil, é a televisão. Se isso é assim em todo o mundo, aqui a disparidade atinge níveis excepcionais. De fato, o Brasil situa-se na 102ª posição com relação a número de exemplares de jornal por habitante, 1/23, enquanto na Grã-Bretanha, por exemplo, esse índice é de 1/4”. (ARBEX JÚNIOR, 2001, p.264).

Rezende radicaliza o papel da TV no processo de informação da sociedade brasileira: “Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento de grande parcela da população.” (REZENDE, 2000, p.23). A função social do telejornalismo, no caso do Brasil,



ganharia maior relevância pelo fato de atingir um público semi-alfabetizado e que tem acesso às notícias quase como um rito de passagem televisivo, senha ou passaporte para o consumo das telenovelas. Para Rezende, é exatamente a existência desse “telespectador passivo” que amplia a importância do jornalismo de televisão, forma de democratizar as informações em uma cultura em que a oralidade mantém seu predomínio sobre a escrita.

Ainda que não disponha dos instrumentos de acesso ao jornal impresso, o telespectador entra em contato, por meio dos telejornais, com os fatos mais importantes, segundo os critérios de avaliação jornalísticos. É fundamentalmente ao assistir aos noticiários televisivos que significativa parcela da população entra em contato com o mundo e “abastece” seu repertório com informações e notícias capazes de possibilitar sua inserção nas conversas cotidianas e mesmo sua orientação no tempo “presente”.

Umberto Eco ressalta outra função ou uso das informações disponíveis nos telejornais. O que ele define como informação do presente ofereceria ao telespectador uma espécie de garantia de liberdade: “saber o que está acontecendo faz-me sentir co-responsável pelo acontecimento” (ECO, 1979, p.355). Para o autor, a comunicação jornalística na TV baseia-se na novidade, razão pela qual seriam as transmissões ao vivo que, para Eco, estabeleceriam o diferencial do telejornalismo.

Características de cada mídia à parte, o fato é que o gênero telejornalismo ganha destaque não apenas em sociedades em que significativa parcela da população não tem acesso à educação formal, registrando altos índices de analfabetismo, absoluto ou funcional, como no Brasil. Afinal, como afirma Rui Cádima, a informação televisiva “(...) é ainda, na maior parte das vezes, a principal ou a única fonte de informação sobre a realidade do mundo contemporâneo para o “grande público”. (...) seu discurso se apresenta, inclusivamente, como legitimador de uma nova ordem do mundo através da televisão.” (CÁDIMA, 1995, p.130).

No jornalismo de televisão os códigos de imagens, texto e sons não se somariam, mas constituiriam uma espécie de “amalgama” que teria como diferença em relação ao cinema, meio do qual para muitos a TV seria tributária, o fato de se constituir em uma narrativa do cotidiano, com uma imagem do presente. Além disso, o jornalismo de televisão ofereceria como uma espécie de vantagem competitiva, em relação aos outros veículos, o chamado “efeito de presença”.

Vizeu e Correia (2008) reafirmam a necessidade de refletir sobre o conhecimento do (tele)jornalismo, e sua natureza, ao pensar a construção de uma



epistemologia do telejornalismo. Para eles o jornalismo, como forma de conhecimento, teria quatro funções: exotérica, pedagógica, de familiarização e de segurança. A primeira função estaria relacionada a um compromisso com o público, o de tornar compreensíveis discursos antes restritos ao saber especializado, enquanto a função pedagógica estaria relacionada ao ordenamento do discurso (e do mundo, seria possível completar) de forma a orientar e responder ao telespectador. As duas últimas funções elencadas estariam reunidas no conceito de lugar de referência: “(...) conceito que entendemos dar uma dimensão mais ampla ao jornalismo como uma espécie de lugar de orientação nas sociedades complexas a que homens e mulheres recorrem para o bem e para o mal” (Vizeu e Correia, 2008, p.19).

Se a informação tradicional era de ordem histórica, o homem da era “visual” em contato com as notícias televisivas passa a ter contato com uma grande massa de informações, fragmentadas, sobre os fatos do presente, que o induzem a uma compreensão, apenas, intuitiva da realidade, e reduzindo sua vigilância, ou melhor repassando esse papel ao telejornal, que teria de acordo com Vizeu uma “função de segurança”, e referência na cotidianidade. Em outras palavras, ordenadas seguindo o ritmo e a narrativa televisual, as notícias nos telejornais atuariam como sistemas peritos tal como descrito por Giddens.

Mas em termos mais concretos, qual seria a característica desse conhecimento, acerca do mundo, que é (re)produzido no âmbito dos telejornais? Qual a sua estrutura narrativa, sua forma de “diálogo” com seus interlocutores? Quer seja como simulação ou ainda diante da impossibilidade absoluta de adesão ao modelo do jornalismo como construção objetiva da realidade, o conhecimento nos telejornais é produzido e difundido por sujeitos, que têm ou buscam construir laços de empatia, e afinidade, com o telespectador. Ao invés da narrativa impessoal do jornalismo impresso, por exemplo, na televisão a informação é difundida também com marcas de expressão facial e/ou tonais. Em outras palavras o conhecimento telejornalístico tem sons (re)conhecidos por aqueles que à ele se expõem, tem rosto(s), o(s) do(s) repórter(es).

A existência de uma dramaturgia do telejornalismo, uma estrutura narrativa característica do drama nas notícias televisivas, seria favorecida por uma tendência intrínseca ao veículo, à sua forma de ordenamento das informações: a serialidade. Para Cádima “(...)uma aproximação analítica, histórico-cultural, da informação televisiva levar-nos-á a considerá-la essencialmente na sua dimensão predominante, (...) na retórica política, hierarquizada e serial que daí emerge.” (CÁDIMA, 1995, 131).



Segundo o autor o efeito de série contagiou de fato a TV; assim, organizado segundo essa lógica, o telejornalismo tenderia a serialidade, estruturalmente.

Mais que notícias e relatos do mundo, a televisão comunicaria aos telespectadores, continuamente, a sua presença, pela simulação do contato direto. No caso do jornalismo, é interessante acrescentar, essa “ilusão” ganha força na medida em que apresentadores, repórteres e entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador, em um simulacro do olho-no-olho que garante a proximidade, e que marca uma distinção à direção do olhar dos atores em cena na narrativa ficcional. Assim, ao contrário do foi anunciado por Adorno, o narrador estaria vivo a cada edição de telejornal, cada notícia narrada aos telespectadores, dando forma dramatizada ao conhecimento sobre o mundo.

Mas em que medida essa estrutura narrativa, hegemônica em emissoras brasileiras locais e nacionais, comerciais e públicas, contribui para a (re)produção e oferta de conhecimento social, que dialogue com o público? Qual é a natureza do conhecimento ofertado via telejornais? Para responder a essa questão optou-se por revisar pressupostos de dois autores centrais para a chamada Teoria do Jornalismo no Brasil, Adelmo Genro Filho e Luiz Beltrão.

Adelmo Genro Filho, na obra clássica *O Segredo da Pirâmide* defende que o Jornalismo deveria ser entendido como uma forma de conhecimento da realidade. O autor critica o que considera as três concepções teóricas sobre o jornalismo. Na primeira delas, que ele denomina de “generalidade abstrata”, a atividade de informar seria vista apenas como uma forma de comunicação, o que em sua avaliação não seria capaz de captar o que é específico ou concreto do Jornalismo. Genro Filho também critica as perspectivas funcionalista e a abordagem crítica, esta última por ver o jornalismo apenas como um instrumento de reforço da ordem vigente.

Genro Filho vai buscar na filosofia as referências para a concepção do Jornalismo como “uma forma social de conhecimento”. Por meio da apropriação das categorias referência *Singular*, *Particular* e *Universal*, ele considera que a força do Jornalismo seria precisamente a singularidade. Isso porque, de acordo com o autor, seria por meio das características do fato, de seus detalhes que seriam recuperados pelos repórteres, é que seria possível montar um quadro semelhante com a percepção imediata dos indivíduos. Com acesso a esse tipo de conhecimento os jornalistas poderiam construir narrativas próximas da maneira como os receptores da informação desvelam



as coisas que vêm ao seu redor, do modo com que leitores e telespectadores conhecem a realidade à sua volta.

Genro Filho salienta ainda que, como toda forma de conhecimento, o Jornalismo pressupõe também um posicionamento do sujeito (repórter, projeto editorial do veículo) diante do objeto (realidade a ser apurada). No caso do telejornalismo há a entrada em cena do repórter e seus tons de voz, embora a estrutura narrativa característica do noticiário transfira, em tese, para os entrevistados o papel de oferecer aprofundamento da informação. Além das inserções de especialistas, cientistas e outras fontes autorizadas (conhecimento de) há nas narrativas telejornalísticas a incorporação da voz do cidadão comum (conhecimento acerca de), por meio de depoimentos da experiência vivida em determinada situação.

Assim, por meio do uso intensivo e quase exclusivo de entrevistas como forma de apuração da realidade a ser noticiada, os repórteres não teriam condições de construir uma narrativa informativa com tantos elementos quanto àqueles comuns a percepção da realidade imediata pelos indivíduos, cuja emoção e/ou experiência vivenciada pode eventualmente ser partilhada por meio do recurso do “povo-fala”. Desta forma, ao invés de se constituir em conhecimento social da realidade, o Jornalismo experimentado pelos telespectadores seria capaz apenas de apresentar alguns vozes e/ou sinais de fontes que teriam participado do fato, sem a garantia de credibilidade ou consolidação destas informações.

Para além dos elementos complicadores no que diz respeito ao aspecto ético e/ou de isenção das informações apresentadas os resultados obtidos reforçam a perspectiva de que haveria uma carência de aprofundamento dos relatos apresentados. Em outras palavras, em um mundo caracterizado cada vez mais pela complexidade, os produtos jornalísticos disponíveis ofereceriam reconstruções dos fatos limitadas a um conhecimento superficial, do domínio do senso comum. Desta forma, tendo acesso apenas à informação ofertada pelos telejornais os cidadãos teriam dificuldades para (re)conhecer de forma crítica e autônoma o mundo ao seu redor.

Fruto de uma forte seleção, a dimensão da notícia televisiva é limitada por exigência de tempo, espaço a ser ocupado no fluxo audiovisual. Assim, cada notícia em TV deveria ser oferecida em pacotes informativos com cerca de 90 segundos (um minuto e meio), sendo possível a ampliação desses limites em casos excepcionais, ou de excepcional interesse e atração da audiência.



Para Calabrese e Volli (2001), a informação jornalística na televisão é constituída por fragmentos da realidade, cuja lógica de montagem seria definida pela organização de um texto com características que remetem à oralidade. Para se constituir em um desses fragmentos, um fato deveria ser marcado por uma forte unicidade, ou ser componente de uma grande narrativa, ter impacto passional muito forte ou ainda ser apresentado de forma muito espetacular, parâmetros que definiriam os quatro critérios de noticiabilidade em televisão, segundo os autores.

O telejornalismo como objeto de estudo: o olhar dos pesquisadores

Quais os olhares lançados para o telejornalismo enquanto objeto de estudo, no âmbito da pesquisa em Comunicação? Teriam nossas pesquisas contribuído para caracterizar o conhecimento (re)produzido e veiculado por meio dos noticiários de TV? A proposta nesse artigo foi realizar um levantamento preliminar sobre a reflexão acadêmica sobre o telejornalismo, tomando os anais dos congressos da Intercom como base de dados privilegiada.

Além do levantamento do número total de trabalhos apresentados a cada ano, e dos universos nos quais emergia a pesquisa sobre o telejornalismo, evidenciou-se no levantamento o tipo de enfoque e/ou enquadramento privilegiado nos estudos, assim como os objetos empíricos preferenciais. Os dados levantados permitem traçar um diagnóstico preliminar sobre a reflexão acadêmica acerca do telejornalismo no Brasil, e perceber um aumento do interesse pelo tema nos últimos cinco anos, particularmente a partir de 2004.

Ao todo, entre 1999 e 2009 foram apresentados 124 trabalhos tendo como foco o Telejornalismo. Inicialmente, quando a Intercom era estruturada em grupos de trabalho, havia presença de discussões sobre o Telejornalismo em dois GT, com apresentação de dois trabalhos em cada grupo: GT Jornalismo e GT Televisão. A partir de 2001, quando os congressos passam a ser organizados a partir dos Núcleos de Pesquisa, há um predomínio das discussões no âmbito do NP Jornalismo, associado ao aumento do número de trabalhos apresentados, 7 trabalhos em 2001 e 2002. Em 2003 há uma queda, com apresentação de 4 trabalhos, mas a perspectiva de aumento no número de reflexões sobre o telejornalismo é retomada em 2004 (09 trabalhos).



De 2005 a 2009 foram apresentados noventa trabalhos sobre telejornalismo, sendo visível a potencialização das reflexões a partir da constituição do Grupo de Pesquisa em Telejornalismo, em 2009. No último congresso da Intercom, realizado em Curitiba, foram apresentados ao todo 36 artigos sobre telejornalismo, dois deles no âmbito do Grupo Comunicação Audiovisual e os demais no GP Telejornalismo.

Entre os temas e abordagens presentes ao longo dos dez anos de levantamento destacam-se: estudos sobre telejornalismo regional; análises de produtos/ coberturas; pesquisas sobre as rotinas produtivas; linguagem/ narrativa telejornalística e acerca do poder no/dos telejornais. Há ainda temas que aparecem com uma recorrência significativa como ensino de telejornalismo; métodos de análise dos telejornais; história; gênero e aspectos tecnológicos, especialmente no que se refere aos impactos da tecnologia nos fazeres profissionais em telejornalismo.

A questão do poder dos telejornais e da participação desse tipo de gênero televisivo na constituição do imaginário da nação, assim como os sabores do telejornalismo regional, é que marcam o primeiro ano de análise. Há ainda uma reflexão sobre a relação tecnologia-produção da notícia, nesse caso específico um estudo sobre os impactos da edição não linear no então futuro do telejornalismo, e em seu ensino.

É curioso observar a presença dessa mesma linha de análise nos trabalhos apresentados dez anos depois, embora nesse caso perceba-se uma aproximação entre as reflexões sobre telejornalismo regional e a questão do poder, inclusive, de constituir identidades, pela produção simbólica, e de notícias televisivas. No que se refere à tecnologia, os olhares se voltam para os impactos não mais do processo de captação de e edição de imagens, mas para as alterações na transmissão e recepção de sinais, agora de TV Digital. Como em 1999, a perspectiva é lançar olhares críticos, agora sobre a mudança não apenas do processo de edição, mas também do papel do jornalismo, e das questões de poder, na tecnologia, e para além dela.

No que se refere ao tipo de estudo realizado, há um ligeiro predomínio da utilização de métodos como análise de conteúdo e telejornalismo comparado. Há ainda uma recorrente presença de trabalhos que se propõem a refletir sobre modos de olhar, e compreender os noticiários de televisão, com vistas ao estabelecimento de uma metodologia particular para analisar esse tipo de produção, que é entendida no âmbito dos trabalhos também como instituição social.

Entre os telejornais tomados como objetos de análise, o Jornal Nacional (JN),



primeiro programa a ser veiculado em rede nacional de televisão no Brasil, noticiário há muitos anos líder de audiência, é o mais estudado. Em termos percentuais, 12,09% dos artigos apresentados entre 1999 e 2009, um total de 15 trabalhos, realiza investigações sobre o JN ou com reflexões a partir de sua cobertura de determinado tema.

Não por acaso, o Jornal Nacional constituiu-se em objeto central nos estudos publicados em uma obra que nasce na reunião do grupo de pesquisa em Telejornalismo realizada em Curitiba (2009). O livro “40 anos de telejornalismo em rede nacional: Olhares críticos” marcou a articulação entre os pesquisadores do GP Telejornalismo da Intercom e a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (SBPJor), e foi apoiado seis programas de pós-graduação em Comunicação. A obra lançada em novembro daquele ano, representou uma mostra do acúmulo de pesquisas na área, e a contribuição da academia para marcar a celebração das primeiras quatro décadas do jornalismo em rede de TV no Brasil.

Em busca de conclusões a partir da reflexão sobre jornalismo em televisão no PPGCOM-UFJF

No âmbito do programa de pós-graduação em Comunicação da UFJF a pesquisa sobre telejornalismo envolve, de forma mais direta, duas docentes do corpo permanente, e resultou em apenas dois anos na defesa de cinco dissertações de mestrado. Atualmente outros cinco alunos do programa de pós-graduação stricto-senso que tem o telejornalismo, e seus diálogos com os processos de (re)conhecimento identitário como objeto.

Nesse artigo considerou-se como evidência empírica para compreender os eixos centrais da investigação sobre telejornalismo dois parâmetros: 1) os projetos de pesquisa cadastrados na Pró-reitoria de Pesquisa da instituição e 2) as dissertações de mestrado e qualificações defendidas no mestrado em Comunicação da UFJF.

Atualmente há cadastradas nessa instituição de ensino três pesquisas em desenvolvimento que se dedicam à investigação do telejornalismo. Todas elas contam com algum tipo de financiamento, e envolvem estudantes de iniciação científica e mestrandos. Há ainda dois projetos já concluídos, “Dramaturgia do Telejornalismo Regional”, coordenado pela professora Iluska Coutinho (2007) e “Televisão e imaginário urbano: as narrativas da cidade no espaço dos telejornais”, ambos com



financiamento da Fapemig. Na primeira investigação, que envolveu então três estudantes de graduação que posteriormente vincularam-se ao PPGCOM-UFJF, a proposta central era caracterizar a estrutura narrativa predominante dos telejornais de produção e veiculação local, relacionando-a ao modelo hegemônico nas redes nacionais de televisão (Coutinho, 2006). O projeto desenvolvido por Christina Musse entre 2007 e 2009 lançou olhares para o cenário da cidade, palco de algumas das principais questões da contemporaneidade, tendo com questão central compreender qual é a imagem que a televisão constrói do espaço urbano. Além disso, a investigação, que resultou em um vídeo-documentário e foi contemplada em 2010 com recursos da Lei Murilo Mendes com vistas à publicação em livro, questiona se, de alguma forma, esta imagem corresponde aos ideais de mobilidade, instantaneidade e desterritorialização que caracterizam, entre outros, a sociedade da modernidade tardia (Musse, 2009).

Atualmente a professora Iluska Coutinho coordena dois projetos de pesquisa sobre as relações entre Público e Telejornalismo. Um deles teve início em investigação que contou com recursos do CNPq (Edital Universal), além de contar com bolsas de iniciação científica concedidas no âmbito da própria UFJF. “Quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores”, a pesquisa representa a continuidade acerca das investigações sobre as formas de incorporação do público no telejornalismo brasileiro. O projeto envolve atualmente a participação de três estudantes de mestrado. Iniciado em agosto de 2010 o projeto “Avaliação do Telejornalismo da TV Brasil” tem financiamento da própria emissora, e implicou no estabelecimento de um termo de cooperação entre a UFJF e a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). A proposta é a monitorar a efetivação da oferta de um novo modelo de telejornalismo, compromisso assumido na carta de princípios da TV Pública, nas edições dos telejornais da emissora. Em outras palavras, busca-se por meio do acompanhamento sistemático da produção veiculada, avaliar em que níveis e com qual grau de qualidade interesse público e os direitos à Comunicação são de fato incorporados no telejornalismo da TV Brasil. Esse projeto envolve atualmente quatro bolsistas de iniciação científica e uma bolsista de apoio técnico, egressa do PPGCOM-UFJF.

A professora Christina Musse, por sua vez, propõe-se investigar a relação cidade- memória tendo como ponto de partida o papel desempenhado pelas narrativas audiovisuais na construção da identidade urbana. A perspectiva é de complementar a outra investigação coordenada pela professora, em que o objetivo principal foi analisar a representação do espaço local nos telejornais de Juiz de Fora-MG.



A realização de pesquisas tendo o conhecimento telejornalístico como tema ou pretexto reflexivo propiciou a integração entre graduação e mestrado ao longo dos últimos três anos. Entre março de 2009 e março de 2011 foram defendidas no âmbito do PPGCOM-UFJF sete dissertações que relacionavam o telejornalismo e os processos de (re)conhecimento social e produção identitária.

Desses trabalhos acadêmicos quatro (Linhais, 2009; Maia, 2009; Alvin, 2010; Torres, 2011) tem como objeto empírico um telejornal veiculado em rede nacional, confirmando a preferência pelo Jornal Nacional como espaço recorrente de investigação, tal como ocorrera nos trabalhos apresentados nos congressos da Intercom. Os outros três estudos dedicaram-se a estudar as relações entre a sociedade local e as narrativas televisuais, em Juiz de Fora (Martins, 2009; Fernandes, 2010; Mata, 2011).

Em comum nos trabalhos realizados destaca-se a busca por compreender o conhecimento socialmente produzido nos telejornais, e legitimados por audiências nacionais e locais, a partir do viés da representação e produção identitárias. Mais que desvelar um real, os trabalhos realizados no âmbito do mestrado em Comunicação da UFJF, assim como naqueles apresentados nos congressos da Intercom, parecem salientar a importância dos telejornais como espaço de narração e construção de uma determinada realidade. Ao narrar o mundo e a cidade, os telejornais acabam por ofertar também modelos de (re)conhecimento e identificação com seu público, ainda que essa relação entre telespectador e produto oferecido possa ser de identidade ou alteridade.

Referências

- ALVIN, Bianca. **A materialização midiática da brasilidade**: a cobertura do Jornal Nacional sobre a seleção de futebol e a narrativa da identidade brasileira. Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.
- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.
- CÁDIMA, Francisco Rui. **O fenómeno televisivo**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- CALABRESE, Omar & VOLLI, Ugo. **I telegiornali**: istruzioni per l'uso. Roma: Gius. Lateza & Figli Spa. 2ª edição, 2001.
- CASSETTI, Francesco; CHIO Federico di. **Análisis de la televisión**: instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Paidós, 1999.



COHEN, Akiba A. **Answers without questions: comparative analysis of television news interviews.** European Journal of Communication (SAGE, London) Vol. 4 (1989), 435-451.

COUTINHO, Iluska. **Democracia eletrônica e televisão no Brasil: Os telejornais como espaço de disputa por hegemonia política e cultural.** Anais do XI Congresso daCompós. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

EKSTRÖM, Mats. **Epistemologies of TV journalism – A theoretical framework.** London, Thousand Oaks, CA and New Delhi: Sage Publications, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Tchê, 1987.

GLEISER, Luiz. **Além da notícia: o Jornal Nacional e a televisão brasileira.** Master dissertation. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

FERNANDES, Livia. **TV Mariano Procópio e Identidade juizforana: A construção do mito do pioneirismo nas páginas do Diário Mercantil e do Diário da Tarde.** Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

LINHALIS, Lara. **A identidade do povo brasileiro em cena: a construção da brasilidade no discurso do JN.** Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

MAIA, Aline Silva Corrêa. **Televisão e Identidade: Estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora-MG.** Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

MARTINS, Simone Teixeira. **Identidade no Telejornalismo Local: A construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu público.** Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

MATA, Jhonatan Alves Pereira. **Um telejornal pra chamar de seu: Identidade, Representação e Inserção Popular no Telejornalismo Local.** Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

TÖNNIES, Ferdinand. A opinião pública. In BERGER, Christa e MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

TORRES, Hideide Aparecida Gomes de. **O Telejornalismo na construção da identidade religiosa: Representações evangélicas no Jornal Nacional e Jornal da Record e sua recepção por fiéis metodistas e batistas.** Dissertação Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.



VIZEU, Alfredo. **As marcas enunciativas do discurso jornalístico: algumas considerações.** In: 1º Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2003, Brasília. CD'Rom.

_____; PORCELLO, Flávio & COUTINHO, Iluska. **40 anos de telejornalismo em rede nacional: Olhares críticos.** Florianópolis: Insular, 2009.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão.** São Paulo, Ed. Ática, 1996.

Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2000 a 2010. São Paulo: Intercom. CD'rom.